



Os jornais vêm divulgando uma avaliação feita pelo Bureau of Labor Statistics que é uma espécie de secretaria federal do trabalho dos Estados Unidos que aponta as 20 profissões mais ameaçadas de desaparecer no prazo de dez anos por causa dos avanços tecnológicos. Esse fenômeno é explicado pela informatização dos processos administrativos e pela robótica na área operacional.

No rol destacam-se as profissões de fazendeiro, datilógrafo, telefonista, digitador e surpreendentemente, a de contador e auditor. Profetas e disparates das mais diferentes espécies costumam proliferar nos finais dos séculos como agora, por isso para algumas dessas modernas pitonisas, o apocalipse, pelo menos para os contabilistas, tem data marcada: 2005.

Previsões como essa só não são absolutamente ridículas e irresponsáveis porque os videntes de hoje estão mais sofisticados, usam a Estatística e o computador para envolver suas previsões numa aura de cientificidade e credibilidade.

Mas no que se refere a contabilistas e auditores essa previsão é um grave equívoco.

O papel que as ciências econômicas e comerciais, com destaque para as ciências contábeis, desempenham no desenvolvimento sócio-político-econômico das sociedades e nações não pode ser minimizado.

Na verdade essa notícia parece coisa "orquestrada" pois freqüentemente tudo que é dito ou deixa de ser da profissão contábil possui um conteúdo que desvaloriza ou pretende intimidar nossa classe. Isso ocorre provavelmente porque continuamos sem mostrar a nossa cara. Não escrevemos muito, nem discutimos, discordamos ou opinamos; na verdade continuamos inertes, pacíficos, tímidos, hibernando.

Até quando?

Precisamos de uma ampla divulgação do papel social que nossa profissão desempenha, necessitamos ocupar espaços nos meios de comunicação de massa. A sociedade precisa nos conhecer. Empresários e profissionais sabem muito bem o quanto a Contabilidade, como linguagem científica que o é, quantifica, qualifica e analisa fatos econômicos. Sabem bem o quanto esse tipo de informação é imprescindível para o desenvolvimento dos negócios em bases estáveis.

E como somente a Contabilidade provê a confiança e credibilidade necessárias para assegurar o valor destas informações. Mas o grande público não.

Precisamos passar a influenciar no contexto político e econômico. Adquirir respeito e tratamento condizente com nossa qualificação e nosso papel social. Enfim, temos que ocupar espaços.

O computador não vai ocupar o lugar do contador, porque também não irá ocupar o lugar do médico, do engenheiro, do economista. Nem a robótica vai ocupar o lugar do jogador de futebol, do piloto de fórmula 1 ou do tenista. Simplesmente porque o computador não tem talento. No ano de 2005 provavelmente não existirá mais a figura do classificador contábil ou o mero escriturador de livros fiscais. Mas nenhuma máquina substitui a capacidade de análise e de interpretação do cérebro humano.

Mesmo quando a escrita contábil puder ser feita sem o acompanhamento de um contabilista, haverá a necessidade de um profissional extremamente qualificado que analisará os relatórios. Esse profissional será o contador. E quem atestará a credibilidade das informações não será um computador, mas um auditor.

A previsão do fim do contador baseada em cálculos estatísticos e modelos matemáticos é a prova, por si só, de que nada do que uma máquina possa produzir, tem sentido se não for analisado por um profissional competente.

No Bureau of Labor Statistics, por exemplo, faltou um contador, ou pelo menos faltou um profissional igualmente qualificado.

**ROBINSON PASSOS DE CASTRO E SILVA**  
**CONTADOR**